

# *A Bela e a Fera: um reconto*

VALENZUELA, Sandra Trabucco. *A Bela e a Fera: um reconto*. Ilustrações de Gabriel Pacheco. São Paulo: nVersinhos, 2021.

Paulo César Ribeiro Filho<sup>1</sup>

Charles Perrault (1628-1703), membro da Academia Francesa, entrou para a história da literatura ao publicar o conjunto de contos que perduraria no imaginário dos homens do Ocidente e estabeleceria uma relação metonímica com a própria noção de literatura para a infância: “Chapeuzinho Vermelho”, “Cinderela”, “A Bela Adormecida”, “O Pequeno Polegar” e “O Gato de Botas” são, atualmente, os títulos indubitavelmente mais populares entre as *Histórias ou contos do tempo passado com moralidades*, coletânea publicada em 1697, mais conhecida pelo subtítulo *Contos da Mamãe Ganso*. Decerto que o êxito editorial de tais narrativas feéricas pode ser explicado, em partes, pelo sucesso de suas adaptações cinematográficas pelos Estúdios Disney.

Para além dos contos de fadas de autoria masculina, que correspondem à vultosa maioria dos títulos mais conhecidos (“João e Maria”, “Rapunzel” e “Branca de Neve”, pelos alemães Jacob e Wilhelm Grimm; e “A Pequena Sereia”, “O Patinho Feio” e “O Soldadinho de Chumbo”, pelo dinamarquês Hans Christian Andersen), o recém-lançado *A Bela e a Fera: um reconto* (Editora nVersinhos, 2021) revisita um dos maiores clássicos da literatura ocidental, cuja versão original remonta a 1740 e é assinada pela francesa Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve (1695-1755).

Entre a última década do *fin de siècle* francês e a aurora do século XVIII, sob o reinado de Luís XIV, a moda dos contos de fadas atingiu o seu ápice. A arte da ga-

---

1 Doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (área de Literatura Infantil e Juvenil) da FFLCH-USP. Bolsista CAPES.



lanterna e a preciosidade literária, uma das vertentes artísticas do Barroco francês, ditavam o gosto dos nobres frequentadores dos salões de leitura. Esses dois fundamentos estimularam a criação de recursos estéticos e formas de efabulação que foram determinantes para o engendramento do modelo primordial do conto de fadas produzido à época, direcionado a leitores adultos. Nelly Novaes Coelho (1922-2017, *in memoriam*), pioneira no estudo do conto de fadas de autoria feminina no Brasil e fundadora da área de Literatura Infantil e Juvenil da Universidade de São Paulo, afirma que, entre as peculiaridades da produção feérica de autoria feminina, destacam-se recursos específicos, como a construção de uma “prosa narrativa caudalosa, exuberante, fantasista [...], sem nenhum ‘espírito de ordem’, nenhuma ‘objetividade’, nenhum ‘racionalismo’ organizador”, mas, pelo contrário, “o excessivo, o tumultuado, o inverossímil, a fantasia mais exuberante” (COELHO, 1985, p. 56-57). A adjetivação proposta por Nelly Novaes Coelho amplifica os ecos da estética preciosa que tanto ressoam através da composição labiríntica da obra-prima de Gabrielle de Villeneuve, considerada a última grande representante do conto de fadas literário francês.

Note-se que esse primeiro registro literário de “A Bela e a Fera” desenreda não apenas a trama central conhecida do grande público – a do amor entre a suposta filha de um comerciante falido e um príncipe transformado em monstro –, mas também a história por trás da funesta metamorfose e a complexa intriga que subjaz ao nascimento e às patentes de Bela. A vida e a obra da autora foram tema da tese de doutorado de Aída Carla Rangel de Sousa (2018), da Universidade Federal de Santa Catarina.

Cerca de dezesseis anos depois da publicação de Villeneuve, o conto foi revisado e reescrito por Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1711-1780), reconhecida escritora e educadora francesa que, à época, reelaborou a trama principal e publicou uma versão mais enxuta em sua *Magazine das Crianças*, periódico com ares de cartilha criado com o intuito de instruir a formação moral de meninas e moças. A

---

referida versão de 1756, assinada por Beaumont, acabou adquirindo o estatuto de canônica e serviu de base para a adaptação cinematográfica dos Estúdios Disney em 1991 e para o reconto de Sandra Trabucco Valenzuela, magistralmente ilustrado por Gabriel Pacheco.

Com um registro de linguagem acessível mesmo às faixas etárias correspondentes às séries iniciais do Ensino Fundamental II (mas sem por isso abandonar o requinte, a precisão e a adequação vocabular inerentes ao gênero literário em questão), o texto de Sandra Valenzuela reelabora o tecido narrativo canônico e oportuniza ao seu leitor o contato com uma nova *textura*, mediando, através da linguagem, o diálogo entre a arte literária do século XVIII e a da contemporaneidade. Sem reformar a trama relida por Beaumont, o enredo do reconto presta a mais alta homenagem à eclipsada literatura feérica de autoria feminina dos séculos XVII e XVIII, *corpus* que se encontra em pleno processo de redescoberta.



Figura 1 – A família de Bela, por Gabriel Pacheco  
Fonte: VALENZUELA, 2021, p. 8.

As belíssimas ilustrações do renomado artista mexicano Gabriel Pacheco não fazem outra coisa senão dignificar o gênero conto de fadas. A cada página, uma nova obra de arte se agiganta diante do olhar do leitor, que é convidado a perscrutar pausadamente todos os detalhes das imagens dispostas em página dupla. As formas alongadas, pálidas e desproporcionais dos personagens, associadas à potência do cinza, do ocre e das nuances de uma paleta pastel de tonalidades quentes em interação com o azul profundo e o vermelho sangue, traduzem, em linguagem gráfica e cromática, tanto as concepções de ruína, angústia e privação implícitas ao

---

conto, quanto os contrastes e binômios que demarcam todo o contexto que subjaz ao improvável nascimento do amor entre uma moça delicada e um ser monstruoso.

Em suma, o objeto livro (em capa dura) e a obra de arte concebida por Sandra Trabucco Valenzuela e Gabriel Pacheco entronizam não apenas esse emaranhado de experiências humanas encapsuladas em linguagem que é o conto de fadas, mas também a literatura feérica de autoria feminina, que há muito aguardava por realizações tais.

## Referências

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil-juvenil: das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Quíron, 1985.

SOUSA, Aída Carla Rangel. Tradução comentada de *La Belle et la Bête* (1740), de Madame de Villeneuve. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/191260/PGET0395-T.pdf>. Acesso em 2 de maio de 2022.